

---

# MANIFESTO À ALDEIA SELVAGEM

---

*Cid Seixas*

“O traço essencial do pensamento selvagem é ser intemporal; ele quer captar o mundo ao mesmo tempo: como totalidade sincrônica e diacrônica.”

*Claude Lévi-Strauss*

Toda poesia é, ao mesmo tempo, poesia dos objetos – do mundo objetivo e subjetivo – e metapoesia, poesia sobre si mesma.

A reflexão da inteligência sobre o processo criador – constituindo o *plano manifesto*, ou *de manifestação* através da seleção e da organização dos elementos e palavras (como as “cor-

respondances”, de Baudelaire, ou a engenharia de avessos, de Poe, em “The Raven”) e o *plano das ideias*, ou *dos conceitos*, este último através da formação predominantemente subjetiva da realidade – confere ao signo poético uma natureza complexa e insubmissa aos sistemas em vigência.

É, por isso mesmo, um *signo selvagem*: não vencido, domado ou... civilizado; não submetido aos totens de consumo.



Dessa forma, o fazer poético não representa uma imitação secundária do real, como vislumbrava Platão, ao expulsar o poeta da sua vislumbrada República, mas uma transmutação alquímica do ontológico. O animal humano não quer permanecer como a natureza o fez, observa Hegel; está engajado em relações práticas e simbólicas com o mundo exterior, resultando daí a necessidade de transformar este mundo, para se reconhecer nas formas das coisas por ele criadas. A criação poética se constitui em refazer a natureza, para refletir na obra a consciência humana.

O compromisso do artista para com o Outro consiste em formar a realidade, não conforme os padrões estabelecidos pelas circunstâncias históricas, mas através do exercício da liberdade criadora, símbolo do livre arbítrio humano, do qual já falava Santo Agostinho – e as Inquisições continuam esquecidas.

Cassiano Ricardo foi quem disse: sob a forma de poesia se dizem coisas que jamais seriam ditas. A poesia é antipoliciável e impunível por excelência.

Marx observou que a arte, em certas épocas, não está submetida aos fenômenos globais da sociedade que lhe serve de base; podendo, inclusive, se opor a eles, através do saudável movimento de antítese. Apesar do espírito totalitário da cultura russa, ao longo dos séculos, regimes e governos – todos dominados pela mesma tendência concêntrica –, Lênin reconheceu que a atividade artística ou poética não suporta o igualitarismo mecânico, o nivelamento, a dominação da minoria pela maioria.

Nesse ponto, tanto a estética marxista quanto a estética idealista, preconceituosamente rotulada de burguesa, estão de acordo. Kant já dizia que conhecer não é refletir o objeto

na consciência, ou na inteligência, mas transformar o real, em si mesmo incognoscível, enquadrando-o nas formas transcendentais da subjetividade. Lembre-se que Marx e Engels foram dos primeiros a recusar o materialismo ortodoxo dos “marxistas”, quando considerou o papel ativo desempenhado pelo sujeito na teoria do conhecimento.

Como a criação artística constitui uma forma de conhecimento, os objetos reais – embora condicionando o universo poético – não limitam o conceito ou o plano do conteúdo estético, pela sua própria natureza, transcendente às formas do estabelecido.

A poética não é apenas um modo de conhecimento do objeto formado *a priori*, mas uma ampliação ou uma construção, através dos focos projetados pela subjetividade. O fazer artístico não apenas reflete o mundo, mas acrescenta a ele um novo signifi-

cado: o significado demasiadamente humano.

Aí talvez resida o papel de antenas, alarme premonitório, atribuído ao artista por Pound e explicitado por Marshall McLuhan.

O metapoema é a reflexão do sujeito sobre o processo subjetivo da criação, objetivando-o. Isso significa que a reconceituação do objeto ontológico pertence ao processo poético, constituindo um novo *plano manifesto*. Em outras palavras, tanto a compreensão do mundo, ou a formação dos objetos no pensamento, quanto a organização formal da frase e dos enunciados constituem o objeto poético.

Toda poesia é matalinguagem implícita, uma vez que o processo intencional de organização do discurso estético pressupõe a existência de um discurso paralelo, ou subjacente, sobre a linguagem e sua estrutura. Dis-

curso esse que pode ser capturado durante a fruição da obra de arte, ao se observar a consciência da fatura semiótica presente em qualquer artesanato poético. Desse modo, metalíngua e linguagem objeto são *interdependências*, ou semióticas solidárias no processo poético (de acordo com a nomenclatura de Hjelmslev).

Todo esse processo, em termos equivalentes na filosofia de Aristóteles, quer dizer, simplificada, que *forma e matéria* são imanentes ao objeto, pois se determinam mutuamente.

Cassiano Ricardo, nas suas reflexões sobre as vanguardas, percebeu que o século da automação é, por si mesmo, rico de motivos para inclusão de quantos queiram transformá-lo em dados para uma nova construção poética. Assim, não nos basta tomar a palavra sob o signo da destruição, da desintegração ou da frag-

mentação, restringindo a criação a operações linguísticas resultantes da mentalidade tecnológica autossuficiente e imune aos fatos que conferem ao mundo presente uma inesperada configuração, cada vez mais insubmissa às compreensões mecanicistas.

“O que cabe a uma vanguarda é a recuperação do poema para a poesia como seu corpo específico” – proclama o autor de Jeremias – “Nem discursivismo nem concretismo, mas um passo a frente, pela superação de ambos, numa reformulação crítica do poema que não seja outra coisa senão poema.”

Acreditamos, com T. S. Eliot, que a responsabilidade do criador é diretamente voltada para sua língua, a quem cabe ampliar e enriquecer. Mas recusamos qualquer perspectiva que tente reduzir a compreensão da língua a uma mera nomenclatura. Para o materialismo dialético, a linguagem é

a consciência real prática que, existindo para os outros, existe para o sujeito. Tal como a consciência, que é um produto social, a linguagem só aparece com a necessidade de comunicação com os outros indivíduos.

Dessa forma, ampliar a língua de um povo, dizemos em acréscimo à proposição de Eliot, significa também ampliar a consciência da coletividade e construir uma nova ideologia, como resultado da evolução dialética do espírito.

Consequência de uma época, o trabalho do poeta é a tentativa de superação do seu elemento condicionante – do qual é um prisioneiro talvez perpétuo – que é o próprio momento, ou a sua circunstância. Somente assim, o artista cumpre o papel, transgressivo e renovador, que lhe é atribuído pela história.

O exposto acima pode estar contido na indagação de Goethe: “Se con-

segues teu êxito numa língua já formada, que versifica e pensa por ti, imaginas ser poeta?”

As preocupações aqui expressas levam, pelo menos a mim, no exercício de construção de uma prática, ou ofício de escritor, a refletir sobre o resultado obtido e a possível ou impossível conformidade ao projetado edifício de palavras e utopias.

O universo poético difere dos universos paralelos ao construir para si uma *manifestação* e um *conceito* próprios, submetidos à constante interseção do sujeito e do objeto. O primeiro, o sujeito, encontrando sua extensão no segundo, o objeto, tem o seu *conceito* enriquecido pela constante inter-relação que termina por fundir sujeito e objeto, enquanto elementos da categoria aristotélica do verdadeiro, em um novo objeto, este inscrito pelo mesmo Aristóteles na categoria do verossímil: o objeto po-

ético, fusão dialética do sujeito e do objeto ônticos (no sentido proposto por Heidegger.)

O universo da criação artística é reconhecido como mais complexo ainda quando observamos que o processo de fruição, ou de recepção artística, é intrínseco ao objeto poético, que resulta da soma, ou da síntese (através do processo *tese-antítese-síntese*), do objeto ôntico submetido à negação dialética do sujeito criador, por sua vez, submetida à denegação do sujeito receptor, que elabora a síntese. A leitura de uma obra de arte verbal ou de outra esfera semiótica seria, assim, a negação da negação; processo que se reelabora continuamente em cada momento de recepção estética.

Existente enquanto processo dialético, o poético recusa qualquer sistema legislativo prévio: se completado,

esgotado, é incorporado à redundância do consumo. Drummond:

“Leitura de relâmpago cifrado,  
que, decifrado, nada mais existe.”

Recusando-se à captura, à aculturação e à condição civilizada, que a todos nós, cada vez mais, aprisiona e contagia; a condição poética – última resistência da liberdade humana – constrói para si e se autoconstrói através do signo selvagem.

---

SEIXAS, Cid. Manifesto à Aldeia Selvagem. *O signo selvagem; metapoema*. Salvador, Margem / Departamento Municipal de Assuntos Culturais, 1977. Republicado em *Fonte das Pedras*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira / Instituto Nacional do Livro, 1979, p. 131-137.